

*JOANNE HARRIS*



*TRADUZIDO DO INGLÊS POR*

*JOHN ALMEIDA*

ASA





*O rio do Sonho atravessa os Nove Mundos, e  
a Morte é apenas um deles.*

Provérbio antigo





Cinco minutos depois da meia-noite no Fim do Mundo, três anos depois do Fim do Mundo, e como era habitual, não havia nada para ver ou ouvir, nas catacumbas da Cidade Universal... exceto, claro, as ratazanas e (se acreditassem nisso) os fantasmas dos mortos.

Maggie Rede não temia nenhum dos dois. Uma rapariga alta e magra, com sobrancelhas escuras lisas e olhos de um cinzento-âmbar curioso, que usava na cabeça um lenço branco do tipo que os nativos do Fim do Mundo chamavam *bergha* e uma túnica escarlate sobre perneiras e botas, era a única guardiã que restava a estas catacumbas abandonadas, e as ratazanas eram a sua presa especial. Com uma besta ou funda conseguia acertar numa ratazana a trezentos passos sem pestanejar; as ratazanas já a conheciam muito bem, e mantinham-se em silêncio quando Maggie Rede andava à caça.

Quanto aos fantasmas, Maggie caminhava pelas passagens secretas todas as noites há quase três anos, e nunca sequer vislumbrara um. Ainda se ouviam histórias de uma batalha terrível aqui, com dez mil elementos da Ordem aniquilados num só dia. Mas não havia vestígios deles, nem do inimigo que haviam combatido. Nem sequer os fantasmas contavam essa história.

Lá fora, é claro, as histórias eram muitas, mas Maggie Rede não acreditava nelas, e menos ainda nas pessoas que as contavam, e ignorava-as como fazia com os fantasmas, concentrando-se em vez disso no que conseguia ver, e em livrar as catacumbas das ratazanas.

Claro que o Livro Sagrado tinha a sua própria versão dos acontecimentos. De acordo com o Livro do Apocalipse, os dez mil haviam sido vitimados pela Bem-Aventura, uma era profetizada

desde o começo da Nova Era, quando o Inominável chamaria os fiéis para a guerra, e eles seriam despojados da sua carne mortal e renasceriam nos seus corpos perfeitos, nas margens do Primeiro Mundo.

Maggie acreditava no Livro Sagrado. Como o seu pai e os seus irmãos haviam sido antes, era uma fiel seguidora da Ordem, e se tivesse nascido rapaz teria também conhecido a Bem-Aventura, e teria sido levada para a Cidade Celestial, em vez de ser deixada a lidar com a confusão no Fim do Mundo.

Parte do problema, pensou Maggie, era que apesar de haver muita discussão sobre a Bem-Aventura e a natureza exata dos prazeres reservados aos fiéis quando o dia feliz chegasse, ninguém ficara muito esclarecido quanto ao que aconteceria à carne abandonada. Ela imaginara uma espécie de limpeza geral celeste, na qual os corpos seriam miraculosamente arrumados, mas quando finalmente chegara, com dez mil membros da Ordem a abandonarem os seus corpos terrenos repentinamente (incluindo Professores, Magistrados, aprendizes e Inspetores), os resultados haviam sido catastróficos.

Demoraram seis meses a livrar-se dos corpos. Parte disto fora porque ninguém no Fim do Mundo quisera tomar responsabilidade. A limpeza era assunto da Ordem, ou pelo menos assim mantinham os serviços sanitários, e devia ser realizada (e paga) pelos representantes oficiais da Ordem.

No entanto, a verdade nua e crua continuava a ser que não *havia* representantes da Ordem, oficiais ou officiosos. E por isso os corpos apodreceram e federam até que, depois de muitas reuniões e comissões, foram declarados um perigo para a saúde pública, levados em carroças e queimados.

Isso fora há três anos. Maggie tinha catorze anos nessa altura, e mesmo antes da peste rebentar ela fora enviada para casa da sua tia-avó Reenie nos Ridings, enquanto a sua mãe procurava os três Inspetores que haviam sido seus filhos entre os macabros restos mortais.

Claro que oficialmente um Inspetor da Ordem não tem família. A primeira coisa que um aprendiz tem de fazer antes de ocupar

o seu lugar como filho da fé é virar as costas aos pais, abdicar do seu nome e aceitar um número. O pai de Maggie respeitara isso. Irmão de um Inspetor recentemente homenageado com o dom da Palavra, sabia bem que não devia envergonhar os filhos com a sua interferência. O filho mais novo de um comerciante de lã dos Ridings, ansiara por entrar na Ordem, mas o seu pai não se podia dar ao luxo de perder os dois filhos, e por isso o seu irmão Elias tivera a oportunidade, enquanto Donal aprendera o ofício do pai.

Anos mais tarde, ele próprio pai, mudara-se para a Cidade Universal, jurando dar aos seus filhos a oportunidade que lhe fora negada e, quando chegasse a altura, deserdá-los completamente, como devia ser de acordo com as regras da Ordem. Mas a mãe de Maggie não fizera tal voto. Eram muitas as mães como ela, que desafiavam a Lei e se esgueiravam pelos edifícios da Universidade à noite, arriscando-se a ser presas, e por vezes pior do que isso, pela oportunidade de oferecer um enterro condigno aos homens das suas famílias.

Susan Rede pagara um preço elevado por essa oportunidade. Uma febre hemorrágica, apanhada numa das suas viagens noturnas entre os restos mortais, acabara com a sua busca e com a sua vida, mas não sem que ela passasse a doença ao marido, à ama, ao merceiro, ao primo deste, a todos os seus clientes e ao sujeito que viera recolher os mortos.

Quando Maggie voltou para casa, cem mil pessoas haviam morrido com a peste; o Fim do Mundo saíra de quarentena; os corpos haviam sido levados; e a Universidade de Verdades Imutáveis não passava de um esqueleto oco, a sua riqueza saqueada, as suas bibliotecas abandonadas, os seus grandes átrios e anfiteatros vazios de tudo exceto o pó.

Supunha que podia ter ficado com a tia. Nada restava da sua vida anterior. Mas Reenie tinha filhos, e um emprego a ordenhar vacas numa quinta vizinha, e Maggie não estava habituada aos costumes da gente dos Ridings, que lhe parecia quase desordeira, com os seus hábitos campestres e atitude despreocupada em relação a ir à igreja e aos dias sagrados; que se ria da forma como ela se vestia e

do seu sotaque do Fim do Mundo, e do que chamava «maneiras cidadinas».

E então, sem família, casa e amigos, Maggie voltou para o Fim do Mundo. Arranjou um emprego numa taberna perto da Universidade velha, onde lhe ofereciam comida, hospedagem e um *penny* por dia para despesas. Não gostava dos clientes, que eram muitas vezes rudes e bebiam demasiado; mas a taberna chamava-se A Comunhão, o que a levava inicialmente a pensar que estava de alguma forma ligada à Ordem. A dona era uma Mrs. Blackmore, uma puritana com uma *bergha* de viúva e um olhar atento, astuto e ganancioso, que ganhara uma fortuna durante a peste a vender amuletos aos crédulos. O seu marido morrera a *ajudar os doentes*, ou assim dizia Mrs. Blackmore; na verdade ele próprio apanhara a doença ao saquear os corpos dos mortos. Agora a sua viúva fazia negócio à custa da reputação do santo marido, a contar histórias da sua coragem; a avisar sobre o Povo Vidente; a estar vigilante em relação a marcas rúnicas e coisas desse tipo; e a pregar solenemente a abstinência, ao mesmo tempo que vendia a pior e mais aguada cerveja que havia em todo o Fim do Mundo.

E enquanto Maggie se habituava aos novos costumes e à sua nova vida na Cidade Universal, compreendeu que a grande peste não era a pior coisa que lá acontecera. Na ausência da Ordem, outra praga chegara à cidade – uma praga de ganância e anarquia que varreu todo o Sul do Interior.

Odin Zarolho teria compreendido. A Ordem e o Caos têm as suas marés, e a subida de um leva inevitavelmente ao declínio do outro. Não que o Povo Vidente tivesse subido muito; mas a verdade era que dez mil membros da Ordem haviam sido eliminados num só dia, e o Caos apressara-se a preencher os espaços que haviam deixado.

No entanto, não era uma vitória que teria dado grande conforto a Odin. A Ordem fora-se, era certo; mas nos três curtos anos que se seguiram à guerra, o Fim do Mundo transformara-se num lugar miserável. Sem a Ordem para manter o controlo, sucumbira, como acontece frequentemente com o dinheiro, ao excesso, anarquia

e ganância. As figuras solenes de túnicas escuras haviam desaparecido; os grupos de aprendizes faladores haviam desaparecido; os cafés sossegados, os oratórios e os livros haviam desaparecido.

Agora, em vez de Limpezas para entreter as multidões, as ruas estavam inundadas de comerciantes vindos de fora, que acorriam para vender as suas mercadorias. Nos dias da Ordem, o porto do Fim do Mundo fora mantido sob um controlo rigoroso. Os comerciantes estrangeiros haviam pagado impostos pesados, e mercadorias ilegais foram apreendidas e destruídas. Só comerciantes respeitáveis e que vendessem bens respeitáveis e necessários haviam sido autorizados. As bebidas espirituosas haviam sido banidas, bem como as prostitutas e dançarinas, e apesar de existir um mercado negro (para bens de luxo e exóticos), pessoas indesejáveis tais como ciganos, vendedores ambulantes, vigaristas e pessoas oriundas do Exterior seriam provavelmente presas, Inspeccionadas, expulsas ou até enforcadas antes de serem recebidas na Praça da Catedral.

Mas agora os portões estavam abertos. Já não recusavam entrada a navios, e depois de esta informação ser passada, uma praga de comerciantes vindos do estrangeiro acorrera ao porto do Fim do Mundo.

Estes comerciantes vendiam tudo e mais alguma coisa que se pudesse imaginar. Sedas, couros, pastéis e tartes; macacos e dióspiros e tintas púrpuras; conchas do mar, venenos e escravos bárbaros do outro lado do Mar Único; joias verdadeiras e falsas; bebidas espirituosas; geringonças estranhas; feitiços de amor; laranjas e copos e órgãos de animais selvagens secos. E pouco a pouco, estes comerciantes haviam invadido a cidade, trazendo hordas de compradores, curiosos, jogadores e ladrões atrás de si. Também tinham trazido todo o tipo de crime, doença, droga e violência. Faziam e perdiam fortunas ao jogo, vendendo aqueles que não conseguiam pagar as suas dívidas como escravos. Viviam como reis ou senhores da guerra, cobriam-se de joias, brandiam espadas, possuíam escravas, e seduziam os jovens e os crédulos com promessas de riqueza fácil.

Para Maggie, que mal tinha dinheiro suficiente para sobreviver, e que trabalhava o dia inteiro numa taberna suja, parecia que o mundo que conhecia se tinha transformado no Pan-demónio. Até a Universidade fora ocupada pelos recém-chegados, refeitórios vazios convertidos em salões de baile e as faculdades em bordéis, tabernas e salões de jogo.

Ao princípio tinha havido alguma resistência, principalmente da parte de nativos do Fim do Mundo, que temiam que a Ordem regressasse um dia. Mas com o passar do tempo, os seus seguidores haviam diminuído em número e fervor. Ninguém chegara para assumir o controlo. A Ordem não voltara, a peste tampouco. Algumas pessoas afirmavam terem visto fantasmas em volta dos edifícios desertos, mas os corredores fantasmagóricos da que fora em tempos conhecida como Cidade Universal haviam-se revelado muito menos fantasmagóricos quando povoados por dançarinas e músicos; e lenta mas perseverantemente a podridão espalhara-se para dentro, tomando capelas, estúdios e salões; até a Grande Praça, agora convertida num fórum onde metade do Fim do Mundo, ou pelo menos assim parecia, vinha divertir-se nas noites do Sétimo Dia.

Aqui havia ursos dançarinos acorrentados, e banquetes suntuosos servidos nas costas de prostitutas nuas, fumadores de ervas exóticas, falsos mágicos e videntes, e profetas loucos a pregar a palavra de demónios idos e deuses conquistados. Onde antes prevalecera a modéstia, apareciam agora novas modas irreverentes. Algumas mulheres até saíam para as ruas de cabeças descobertas e ombros nus. Parecia que em três anos o mundo que Maggie conhecia tinha acabado; e ninguém para além de Maggie parecia importar-se.

Ela nunca perdera a fé. Cobria a cabeça com a *bergha*, como o Livro Sagrado instruía. Não comia carne nos dias santos e lavava-se sempre antes de rezar. Apesar de a Ordem ter desaparecido, ela observava os seus dias de jejum e seguia as suas Leis, pois neste novo mundo anárquico, os velhos ritos e rituais davam-lhe segurança.

Claro que ela nunca conhecera a peste, nem tinha testemunhado a Bem-Aventura. Regressando a casa vinda dos Ridings e descobrindo estar órfã, sem dinheiro e sozinha numa cidade que

mal reconhecia, verificara que a sua jovem alma romântica procurara tranquilidade interiormente, e convencera-se (pelo menos em parte) de que era a heroína de uma história dos Dias Antigos, uma sobrevivente solitária do Flagelo.

A filha mais nova, única rapariga entre quatro irmãos, Maggie sempre fora a mais inteligente. Apesar de nunca ter frequentado a escola, aprendera a ler sozinha em segredo, e ao longo dos anos, em fragmentos entusiasmantes entre os sermões de domingo de Jim Parson e excertos roubados aos livros dos irmãos, ela recolhera mais conhecimento do que alguém poderia suspeitar. Histórias dos demónios do Povo Vidente de antigamente; dos Æsir e dos Vanir, as suas guerras, e por fim como haviam roubado as runas da Antiga Escrita e construído uma cidadela a partir da qual podiam governar os Nove Mundos. Sabia como tinham exultado; feito armas e artefactos mágicos; partido em buscas e aventuras; travado guerras contra o Povo do Gelo; e finalmente, como haviam sido traídos por um dos seus, o Impostor, e sido derrotados por fim, apesar da sua arrogância, pelo Inominável.

Isto havia sido o Flagelo, ou Ragnarók, como então se chamara. Mas o Flagelo não acabara com o Povo Vidente. Em vez disso, levava-os a esconder-se, enfraquecidos mas ainda perigosos, como fogo a alastrar debaixo do solo. E o Livro Sagrado prometera que um dia em breve, a Limpeza final viria, e a Ordem Perfeita triunfaria para sempre sobre o Caos...

Claro que nos dias da Ordem *todas* as histórias haviam sido vistas como potencialmente perigosas, mesmo as do Livro Sagrado, e só os iniciados na Ordem haviam sido autorizados a entrar nas grandiosas bibliotecas da Cidade Universal. Mas agora Maggie era livre para fazer o que quisesse. Apesar de a maior parte do ouro da Ordem ter sido pilhado, incluindo as insígnias estranhas em forma de chave que os Inspetores usavam ao pescoço, muitos dos seus livros tinham ficado, e ela recorria a eles com um apetite crescente, sabendo que era perigoso, mas também cheia de uma nostalgia cada vez maior pelos mundos meio esquecidos que lá existiam.

Alguns eram livros de ciência e alquimia, que enumeravam as várias propriedades dos metais e dos sais. Alguns eram livros de geografia, anteriores à Nova Era. Muitos estavam escritos em línguas que não sabia ler, ou com palavras que não compreendia. Alguns estavam ilustrados com desenhos minúsculos a tinta de animais e aves. Alguns eram indecentes, contendo poemas de amor e desenhos de mulheres nuas. Alguns eram listas compridas de reis antigos. Enquanto a profanação da universidade pelos comerciantes continuava, Maggie sabia que era uma questão de tempo antes que alguma pessoa empreendedora desmantelasse as bibliotecas e vendesse os livros para queimar nas lareiras, por isso ela levou todos os que conseguiu para um sítio seguro, uma passagem recentemente descoberta que ficava debaixo da Capela da Comunhão.

Nessa altura esta pequena capela no centro da universidade ainda estava quase intacta. Alguns dos seus vidros haviam sido pilhados, mas ainda havia uma estante no grande púlpito de carvalho, e nela estava o maior livro que Maggie alguma vez vira. Demasiado grande para ter sido pilhado por enquanto, era quase do tamanho de um berço, trabalhado a couro e debruado a ouro, carregado com o peso misterioso das palavras. Maggie ansiava espreitar lá para dentro, mas estava fechado firmemente com um ferrolho dourado, e nenhum dos esforços dela surtiu efeito.

Mas foi o que ela encontrou *debaixo* da estante naquele dia que a fez ofegar de emoção; pois atrás de um painel no enorme púlpito esculpido Maggie descobriu uma porta secreta, que ficara meio aberta durante a Bem-Aventura, a primeira de muitas entradas ocultas para as catacumbas da Cidade Universal.

A partir desse dia, Maggie passou a maioria das noites nas catacumbas. O saque da universidade já estava a decorrer, e ela sabia que em breve os edifícios em tempos abandonados deixariam de o ser, e a sua ocupação solitária acabaria.

Mas as catacumbas eram diferentes. As passagens debaixo da universidade estendiam-se por quilómetros em todas as direcções: alamedas de pedra fria, túneis labirínticos, caves com correntes de ar, armazéns abandonados, depósitos de osso e pó. Por cima dela os

saqueadores ficaram mais arrojados; mas ninguém se aventurou no subsolo, e ninguém veio perturbar as suas investidas enquanto ela avançava mais profundamente sob a cidade.

Tornou-se mais do que um jogo para ela. Ao longo de três anos Maggie fez várias centenas de mapas com a localização de mais de mil salas, cavernas, criptas, passagens, poços, escadarias, portas ocultas, painéis soltos, avenidas, entradas, saídas, caves baixas e becos sem saída.

Algumas destas passagens estavam limpas; outras estavam cheias de pó até à altura dos joelhos. A maior parte estava vazia e por utilizar, mas uma vez ela encontrou uma cripta alta construída apenas com ossos humanos, os crânios dispostos num padrão decorativo ao longo da arquitrave, as colunas feitas de conjuntos longos e secos de fêmures e cúbitos agregados com cabelo, cartilagem, terra e gordura. Noutra ocasião encontrou uma sala cheia de carnes enlatadas e legumes; depois umas caixas de vinho. Também encontrou um elevado número de ratazanas; mas descobriu principalmente pedra sem vida, câmaras reverberantes, artérias congeladas – o coração morto da Cidade Universal.

E então, numa das suas incursões noturnas, Maggie tropeçou numa pedra solta, sob a qual estava entalada uma chave dourada e comprida. Pegou nela e pô-la ao pescoço. Era bonita, apesar de ser seguramente demasiado ornamentada para qualquer uso prático. Então, um dia, lembrou-se de experimentar usá-la na fechadura dourada que selava o livro colossal de couro que encontrara na estante da Capela da Comunhão...

E foi assim que a filha de um comerciante de lã dos Ridings encontrou e leu o Livro das Palavras.

As páginas eram pesadas e grandes, e o papel era duro e ao mesmo tempo estranhamente frágil, por isso Maggie fez um grande esforço para evitar parti-lo. Mas a caligrafia era requintadamente bela, e os desenhos – pequenas cenas pintadas a esmalte dos Livros Fechados; retratos de heróis, serpentes rampantes, dragões, demónios e membros do Povo Vidente há muito desaparecidos – eram muitas vezes histórias por si sós, misteriosos, terríveis e brilhantes.

Receando vândalos ou ladrões, ela levava o seu tesouro (não sem dificuldade) para o espaço sob o púlpito, e daí para a sua biblioteca secreta. Aqui guardava todos os seus livros roubados, e aqui pousou o Livro Sagrado respeitosamente contra a parede. E apesar de o texto ser muito velho e o seu significado ser frequentemente difícil de decifrar, Maggie pressentiu o poder da escrita antiga, e esgueirava-se até à biblioteca à noite e, à luz de uma vela, passava os dedos pelo texto iluminado, e segredava as palavras estranhas e bonitas para si, e sonhava.

Em criança fora ensinada a desconfiar dos sonhos. Mas quando Maggie ficou mais velha, ganhando o mínimo para viver nos porões de Cidade Universal, descobriu um prazer crescente nos sonhos. Os seus pais e familiares haviam desaparecido. Os amigos que tivera estavam espalhados. Os sonhos eram tudo o que ela tinha agora e, inspirada pelas imagens do Livro, sonhou com batalhas e demónios, o Povo Vidente e deuses; com a Cidadela do Céu, a Fortaleza Negra e o Caos; mas principalmente com os Últimos Dias, o Flagelo, a Limpeza derradeira de todos os Mundos, quando a peste, o crime, a fome e morte seriam banidos para sempre, e três grandes Cavaleiros com espadas de fogo cavalgariam através dos Mundos Intermédios, abatendo os pérfidos e levantando os fiéis do pó.

*E virá um Cavalo de Fogo...*

*E o nome do seu Cavaleiro é Carnificina.*

*E virá um Cavalo do Mar...*

*E o nome do seu Cavaleiro é Traiça.*

*E virá um Cavalo do Ar...*

*E o nome do seu Cavaleiro é Loucura...*

Era o sonho preferido de Maggie, de longe. Sabia que este jogo era perigoso, pois os demónios podiam entrar no mundo através dos sonhos, mas ainda assim não conseguia parar. E então, na escuridão da Cidade Universal, rodeada por livros esquecidos, embalada pelo murmúrio do vento nos túneis e pelo som distante de

música vinda de cima, sonhava com a Palavra, e com a Bem-Aventurança, e com o Flagelo que viria. Principalmente sonhava com os Cavaleiros dos Últimos Dias, aproximando-se enquanto o tempo avançava; e descobriu que se fechasse os olhos, quase conseguia vê-los – especialmente um deles, o seu rosto jovem envelhecido pelo sol, o cabelo louro puxado para trás com uma madeixa de couro, e o azul dos seus olhos, tão diferente do azul do mar; um azul turvo, como montanhas vistas de longe, e tão frio como os picos do Norte longínquo.

Era um sonho estranho e lindo. Estranho, porque de alguma forma ela *sabia* que era real, e que *este* – este lugar morto e quase esquecido – era o lugar onde ele estava destinado a chegar. Mais estranho ainda, porque por vezes sentia que os *próprios sonhos* a chamavam numa língua própria; uma língua secreta como a dos livros nos quais ela encontrara um propósito novo.

Por isso, ao passo que a maior parte das pessoas faziam tudo o que podiam para evitar sonhar, Maggie tornou-se uma caçadora de sonhos. E quanto mais sonhava, mais reais os sonhos se tornavam para ela, e mais entendia que era aqui, entre as ruínas da Cidade Universal, que o Fim do Mundo estava destinado a começar, e que *ela* teria um papel a desempenhar.

Era este pensamento, e não os livros ou as ratazanas, que trazia Maggie Rede aqui todas as noites, caminhando por passagens desertas, lendo textos estranhos e esquecidos, rodando chaves meio consumidas pela ferrugem, e sonhando com aquele dia glorioso em que tudo por que ela ansiara toda a sua vida se realizaria subitamente.

Um dia aconteceria. Um dia o seu momento chegaria.

E então Maggie esperou entre os seus livros roubados, e não perdeu a fé, e estudou, e sonhou; sem saber que a novecentos quilómetros de distância, no Norte longínquo e gelado, numa aldeia meio escondida entre montanhas e neve, um par de olhos sempre vigilantes se virara por fim para o som da sua voz; e que, depois de três anos à espera, os seus sonhos estavam finalmente a marchar para casa.



Thor estava ansioso por uma luta. Isso, só por si, não era invulgar. O Trovejante não era conhecido pela sua paciência, especialmente antes do pequeno-almoço, e tinha de se admitir que nos últimos três anos ele tivera muito com que lidar.

Primeiro fora a chegada do seu filho, Modi, um de dois gémeos que o Oráculo profetizara há muito mas que, devido à falibilidade dos oráculos em geral, acabara por ser uma filha, Maddy. Depois ela salvara os Æsir sobreviventes – com a ajuda de Loki, o Impositor, logo ele – da Fortaleza Negra do Caos; operação que levava, se não ao *verdadeiro* Fim dos Mundos, então pelo menos a algo muito parecido, algo que eliminara o inimigo, roubara a vida ao General, e culminara no cataclismo entre a Ordem e o Caos que levava o Sonho a galgar as margens e a espalhar o seu conteúdo pelos Mundos Intermédios.

Claro que ela não tivera intenção de o fazer. De acordo com a experiência de Thor, as mulheres nunca *tencionavam* fazer nada, razão pela qual, pelo menos nos Dias Antigos, elas não haviam estado envolvidas nos afazeres dos deuses. Deixamos uma mulher entrar na nossa vida, pensou o Trovejante amargamente, e sem que reparemos estamos sentados algures numa caverna gelada com a barba atada em nós e a magia invertida, e a esposa a pedir-nos um corpo novo a cada dez minutos, como se não se tivesse trabalho suficiente a manter os Mundos em segurança para a humanidade.

*Malditas mulheres*, resmungou Thor. *Um filho teria feito as coisas como devia ser...*

Claro que tudo acabara com uma vitória para os deuses. Quatro deles haviam escapado da Fortaleza Negra. Loki fora ainda mais

longe, escapando do reino da própria Morte. Mas apesar de ser verdade que a Ordem fora derrotada, nunca a vitória fora menos doce.

O Oráculo, que lhes prometera mundos novos, acabara por revelar-se o inimigo. Odin estava morto, os Æsir divididos, os Vanir rancorosos e hostis; todos enfraquecidos e irresolutos. Sem o General estavam mais uma vez em conflito – os Vanir, sob o comando de Heimdall, mantendo-se principalmente no seu baluarte sob os Adormecidos (exceto Skadi, que não mais fora vista e que se presumia ter regressado a casa, ao Povo do Gelo).

Também os Æsir estavam divididos. A elevação a divindade nem sempre é um assunto fácil de encarar, mesmo uma divindade tão pobre como a deles, com as suas marcas de runa quebradas e Aspetos inacabados. Nas margens do rio do Sonho, com a magia no ar, como neve, e os Æsir incorpóreos a lutarem desesperadamente pelas suas vidas, não houvera tempo para discussões ou explicações. Quatro hospedeiros que de nada suspeitavam tinham dado por si a corporizar vários aspetos do divino, com graus variados de conforto.

Ethel e Dorian haviam aceitado a mudança sem reservas, e por conseguinte tinham lidado com a situação bastante melhor do que Açúcar, cujo papel como o Bravo Tyr ainda era uma provação para si; ou Sif, cujas queixas em relação à sua reincarnação no corpo de uma porca haviam sido uma provação para *toda a gente*.

Como resultado, os Æsir estavam divididos entre o Presbitério de Malbry, que ainda pertencia a Ethel; a quinta de porcos em Farnley Tyas, que era a casa de Thor e Sif; a oficina do ferreiro, que Tyr havia reivindicado (possivelmente porque era a mais próxima da estalagem); e a casa do ferreiro, que ficara para Maddy por ocasião da morte do seu pai.

A irmã mais velha de Maddy, Mae, que noutras circunstâncias se poderia ter interessado, partira de Malbry ao casar-se com um familiar de Torval Bishop, e vivia agora do outro lado do rio, na pequena aldeia de Farnley Tyas, o mais longe possível de Maddy, e onde Mae podia por vezes fingir para si mesma que não eram aparentadas.

O povo de Malbry fora inicialmente relutante em aceitar os forasteiros entre si. Mas Maddy ainda era uma deles; e Dorian Scatergood, apesar de ser uma ovelha negra, era filho de uma família muito respeitável. Era uma pena que a sua esposa tivesse um rosto tão desinteressante, diziam as mexeriqueiras da aldeia. Dor, ou Thor, como se chamava agora, era um sujeito bonito, e algumas pessoas haviam esperado que ele se juntasse com a viúva rica do vigário – apesar de Ethel Parson ter ficado muito estranha depois da sua aventura sob a Colina do Cavalo Vermelho.

Ainda assim, ser estranho não era contra a lei, diziam elas, e os forasteiros eram tolerados, ainda que não estimados, desde que evitassem misturar-se e não causassem problemas.

*Houvera* um mandrião com eles a princípio, um jovem ruivo com sotaque dos Ridings e uma atitude desrespeitosa, mas felizmente a sua visita fora breve, e não se repetira. Loki, que podia evitar causar problemas tanto quanto podia evitar respirar, durara três semanas em Malbry antes de voltar para a Colina do Cavalo Vermelho sob pena de desmembramento (Thor nem se teria dado ao trabalho de o avisar, mesmo que, como Maddy salientara, ele *tivesse* acabado de salvar os Nove Mundos). Ali ficara, a observar o vale da sua fortaleza subterrânea e a catalogar as coisas esquisitas e estranhas que por vezes surgiam das encostas da colina.

Ainda assim, refletiu o Trovejante furiosamente, havia coisas piores do que Loki com que lidar agora. Por muito mau que ele fosse, e sem dúvida louco até à última gota do seu sangue de demônio, pelo menos *aconteci*am coisas quando Loki estava por perto. E Thor estava aborrecido; tão terrivelmente aborrecido que até teria agradecido a companhia do Impostor.

A causa da sua irritação atual estava sentada ao espelho do seu toucador, a pentear o seu famoso cabelo dourado e a preparar-se para uma discussão.

Thor observou-a e perguntou-se vagamente como as costas de uma mulher eram capazes de transmitir uma gama tão vasta de expressões negativas. Não era como se *ele* fosse de alguma forma responsável pelo que acontecera três anos antes. Seria de esperar

que ela estivesse grata por algumas coisas: a sua fuga da fortaleza, a sua libertação da tortura, a encarnação do seu Aspeto num hospedeiro vivo... uma espécie de hospedeiro.

Mas Sif do Cabelo Dourado estivera zangada desde o Fim do Mundo, e não mostrava sinais de mudar de ideias.

– Estás bem? – disse Thor por fim.

– Estou bem – disse Sif com uma voz que sugeria que estava tudo menos bem.

*Esse é o problema das mulheres, pensou Thor. Dizem uma coisa, e querem dizer outra.*

– O que se passa? – disse ele.

– Eu *disse* que estou bem. – O pente atacou os cabelos lendários, libertando uma camada fina de caspa sobre o toucador. Todos os deuses haviam feito o que podiam, mas mesmo com o Aspeto intacto – ou o que passava por isso, com aquela marca de runa quebrada –, Sif continuava a partilhar algumas das imperfeições do corpo do seu hospedeiro.

Podia ter sido muito pior. Para além de alguns quilos a mais e uma tendência para grunhir quando provocada, Sif poderia ter passado por humana em quase qualquer lugar. Era verdade que havia pouco no seu Aspeto presente que sugerisse que ela fora em tempos uma beldade imortal; mas também não havia qualquer indicação de que devesse a sua existência a uma porca barriguda chamada Lizzy Gorda.

No entanto, Sif estava intensamente consciente disso, e descarregava a sua irritação em toda a gente.

Não ajudava que Thor se tivesse saído melhor. É verdade que ainda se parecia muito com Dorian Scattergood, o homem em cujo corpo renascera; mas as suas cores e estatura eram as do Trovejante, e a mente de Dorian raramente entrava em conflito com a dele. Sif nunca deixara de lhe guardar rancor por causa disto, e, arrancando um pelo solto de baixo do queixo, lançou-lhe um olhar de pura maldade – desperdiçado em Thor, já que estava por acaso a olhar para o lado.

Atrás dele, um arranjo floral ficou subitamente castanho e morreu, mas como nem Thor nem Dorian alguma vez se tinham preocupado com tais coisas, também isso passou despercebido.

Sif encolheu a barriga com as mãos e olhou para si de perfil ao espelho. Por um momento, a sua expressão suavizou-se.

– Notas alguma coisa diferente? – disse ela.

– Diferente? – disse o Trovejante. Sabia que perguntas destas eram difíceis, podendo referir-se a um chapéu novo, ou a um vestido diferente, ou um penteado elegante, ou qualquer uma das mil coisas com as quais só uma mulher se poderia importar.

– Algo sobre... o vestido? – incitou Sif.

– Sim. É novo – disse Thor com alívio. – Reparei logo em alguma coisa.

– Este é o meu vestido *mais velho* – disse Sif, os seus olhos a começarem a semicerrar-se outra vez. – Não o uso há imenso tempo. Não tenho sido capaz de *entrar* nele.

– Bem, talvez devesse fazer dieta, querida.

Sif grunhiu.

– Pelo amor dos deuses, Thor. És cego? Perdi sete *quilos*!

Mas aparentemente Thor descobrira algo lá fora que exigia toda a sua atenção. O facto de serem seis da manhã, estar escuro como breu, e já nevar muito não ajudou a que Sif o estimasse mais, ela cujos queixos tremiam furiosamente por esta altura, e cujos olhos azuis ardiavam como foguetes luminosos.

– Para o que é que estás a olhar assim pasmado? – disse a deusa da graça e abundância de forma ríspida.

– Passa-se alguma coisa – respondeu o Trovejante.

Sif estava prestes a fazer um comentário sarcástico quando também o viu: uma assinatura no céu por cima da Colina do Cavalo Vermelho, a espalhar a sua luz contra as nuvens num padrão que ambos reconheceram.

– É Loki – disse Thor. – Está em apuros.

– Ignora-o – disse Sif.

Claro que ela e o Impostor nunca tinham concordado muito; e apesar de ela aceitar que Loki não era *diretamente* responsável

pela transferência do seu Aspeto para o corpo de um porco, era verdade que ele tirara um gozo desnecessário da situação. Se ele estava em apuros, pensou ela, então podia sair deles sozinho. Sif do Cabelo Dourado tinha preocupações mais urgentes.

Mas então emergiu outra assinatura, esta vermelho-escura em vez de violeta. Ambas as assinaturas eram muito brilhantes, como fogo de artifício no céu turbulento.

Thor franziu o sobrolho na direção delas por um momento, e depois dirigiu-se à porta, parando apenas para pegar no manto de peles pesado que lá estava pendurado.

– Tenho de ir, Sif. É o meu filho.

Sif grunhiu.

– *Qual* filho?

– Isso, lembra-me – murmurou Thor entre dentes. – Quero dizer, como se não chegasse a minha esposa ser um porco... O meu filho tinha de ser uma rapariga? – Levantou a voz: – Tenho de ir. Passa-se alguma coisa. Estão a usar a magia.

Isso significava uma luta, como Thor bem sabia, e num lugar como este, no coração das Terras Altas, não havia na verdade muito mais para um deus do trovão fazer a não ser aborrecer-se de morte, ou meter-se numa luta.

Em anos recentes os deuses haviam feito ambas as coisas, primeiro lutando apenas entre si; mas à medida que o tempo passou haviam-se apercebido de que havia um inimigo mais sério a ter em conta. O seu nome era Caos, e significava isso mesmo.

Há três anos, nas margens do Sonho, os portões do Mundo da Maldição haviam sido penetrados por um período de exatamente treze segundos. Nesse tempo, enquanto o Caos grassava, um número desconhecido dos seus habitantes haviam atravessado do Mundo da Maldição para o Sonho. Presumira-se que a maioria morrera aí – o Sonho é um território hostil tão perto da sua nascente, mas alguns, os mais fortes, haviam claramente sobrevivido, emergindo ocasionalmente nas mentes do Povo, e daí para os Mundos Intermédios.

Combater tais criaturas era a única distração de Thor. Não tendo um temperamento de pensador, gostava bastante de estar em guerra, e dado que a Ordem fora completamente eliminada, estes seres do Caos eram agora o único inimigo que merecia esse nome. Mesmo sem uma marca de runa completa, e sem Mjøltnir, o martelo que em tempos o tornara quase invencível, o Trovejante ainda inspirava respeito.

Tentou esconder a sua ânsia, mas Sif reparou rapidamente no brilho dos seus olhos e na forma como os desviou enquanto ela dizia, num tom enganadoramente suave:

– Então vais, querido?

Ele fingiu um suspiro.

– Bem, é o meu trabalho.

– Deixando-me aqui sozinha? – disse Sif. – Com todo o tipo de... *criaturas* à solta por aí?

– Sê razoável – disse o Trovejante. – Uma rapariga grande e robusta como tu... Tenho a certeza de que sabes tomar conta de ti.

Mais tarde, Thor teve de admitir que a escolha de palavras fora infeliz. Como o grito que dá origem à avalanche, deu origem a uma reação na sua amada, caracterizada em primeiro lugar por certos sons, depois por uma mudança abrupta nas suas cores, e finalmente por uma explosão irritada de magia que derreteu a neve à volta da casa num raio de quase quinhentos metros, e pulverizou uma família de ratos que vivia debaixo do rodapé.

– *Robusta?* – repetiu Sif do Cabelo Dourado. – Quem, em nome do Hel, estás a chamar *robusta*?

Há alturas em que até um deus do trovão sabe que deve fazer uma retirada estratégica. Thor olhou por cima do ombro, murmurou: «Hum, desculpa, querida. Tenho de ir», e vestindo o manto apressadamente, escapou para a neve acabada de cair.

